RIGOR ACADÊMICO E ERUDIÇÃO

STEPHEN GRANT BAINES
Universidade de Brasília

Conheci o Professor Melatti quando cheguei ao Departamento de Antropologia da UnB, como aluno especial em 1980. Cursei a disciplina "Etnologia Sul-americana" com ele e logo fiquei impressionado com sua erudição na área de etnologia indígena sul-americana. Posteriormente, após eu ingressar na primeira turma do doutorado deste Departamento, em março de 1981, Professor Melatti se tornou meu professor orientador para o doutorado. No período de 1981 ao início de 1988, quando defendi minha tese, ele acompanhou todas as etapas da minha pesquisa de campo junto aos Waimiri-Atroari com paciência e total apoio. No período de escrevê-la, ele leu com cuidado minucioso todos os trechos de tese que ia entregando-lhe. No Prefácio do livro, publicado através do Museu Paraense Emílio Goeldi, que resultou da minha tese de doutorado, Professor Melatti escreveu: "Trabalhar como orientador de Stephen Baines foi sempre motivo, para mim, de emoções ambíguas. Se, por um lado, me era gratificante lidar com um pesquisador interessado, assíduo, que levava em consideração todas as ponderações e reparos, por outro, deprimia-me ter de conhecer informações sobre índios em tão triste situação". Não foi o Professor Melatti que indicou uma pesquisa de doutorado junto aos Waimiri-Atroari, pois decidi realizar minha pesquisa de doutorado junto a esta sociedade indígena desde um período em que morei em Manaus entre 1975 e 1977. Em junho de 1975, viajei ao igarapé Santo Antônio do Abonari pela rodovia BR-174, de Manaus aos limites da então área interditada pela Frente de Atração Waimiri-Atroari da FUNAI – área esta posteriormente desmembrada, em novembro de 1981, por um Decreto do Presidente João Figueiredo para favorecer a ocupação de cerca de 40% da reserva original por empresas mineradoras subsidiárias

do Grupo Paranapanema e pela inundação de uma vasta área pela formação do reservatório da Usina Hidrelétrica Balbina da Eletronorte.

Seis meses depois do último ataque dos Waimiri-Atroari contra o Posto Indígena Abonari, na sua tentativa de afastar as pessoas que traziam epidemias que assolavam as aldeias matando dezenas de pessoas, em que o sertanista Gilberto Pinto, coordenador da Frente de Atração, perdeu sua vida junto com outros funcionários da FUNAI e pelo menos três Waimiri-Atroari caíram baleados, o comandante do 6º Batalhão de Engenharia e Construção em Abonari permitiu que eu ficasse uma noite no quartel de Abonari com a condição de voltar a Manaus no dia seguinte, em ônibus de uma frota fretada para transportar os soldados do 6º BEC. Os soldados me contaram que iam passar três semanas em Manaus, pois desde o ataque ao Posto Indígena de Abonari em dezembro de 1974, as obras de construção da BR-174 estavam paradas e o 1º Batalhão de Infantaria da Selva ia ocupar a trajetória da estrada incompleta para realizar três semanas de exercícios de campo numa demonstração de força para amedrontar os Waimiri-Atroari e assim garantir a conclusão da construção da estrada sem mais ataques. Nos dois anos seguintes acompanhei os acontecimentos na área dos Waimiri-Atroari e em 1976 e 1977 atravessei a reserva pela estrada.

Apesar do Professor Melatti não ter influenciado na minha escolha de realizar pesquisa junto aos Waimiri-Atroari, ele se revelou um excelente orientador, com sensibilidade para escutar os meus relatos sobre a triste situação em que os Waimiri-Atroari se encontravam, sujeitos à violência de uma frente de atração. Se, para ele, trabalhar como meu orientador foi sempre motivo de emoções ambíguas - por ele se deprimir de ter de conhecer informações sobre índios em tão triste situação -, ele soube conduzir a orientação da tese para abordar o que foi imprescindível neste momento trágico da história deste povo: a situação de uma frente de atração da FUNAI sob a pressão do Exército e subordinada às pressões de grandes empresas, nos últimos anos da ditadura militar. O Professor Melatti revelou-se muito mais que um orientador de tese e acompanhou toda a minha pesquisa e confecção da tese com uma assiduidade incomparável e incomum no meio acadêmico.

A partir de 1989, após passar um ano e meio no Museu Paraense Emílio Goeldi como bolsista do CNPq e ser aprovado em concurso na UnB, foi uma honra para mim tornar-me colega do Professor Melatti no Departamento de Antropologia da UnB. Tenho uma profunda admiração por ele como

orientador exemplar, paciente e atencioso, tanto a nível teórico como na sua capacidade excepcional de ler e comentar trabalhos em detalhes, prestando atenção não somente ao conteúdo do texto mas ao estilo e à construção das frases também. Suas qualidades excepcionais como professor e como pessoa refletem sua carreira que faz parte da história do desenvolvimento do estilo de etnologia indígena que se faz no Brasil, a partir de uma feliz combinação de estudos sobre aspectos internos das sociedades indígenas e, ao mesmo tempo, estudos sobre o contato interétnico. Entre os primeiros contam sua tese de doutorado em Ciências Sociais (Antropologia), *O Sistema Social Krahó*, pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP em 1970 e suas publicações como, por exemplo, entre muitas outras, o livro *Ritos de uma Tribo Timbira* (São Paulo: Ática, 1978) e o artigo "Estrutura social Marubo: um sistema australiano na Amazônia" (1977). Mesmo quando seus trabalhos focalizam aspectos da organização social e parentesco das sociedades indígenas em si, Professor Melatti nunca ignora a presença do contato interétnico, com diversos trabalhos dirigidos especificamente para aspectos relacionados ao contato interétnico em si, como os livros *Messianismo Krahó* (São Paulo: Herder e EDUSP, 1972), *Índios e Criadores: a situação dos Krahó na área pastoril do Tocantins* (Rio de Janeiro: UFRJ – Instituto de Ciências Sociais, 1967) e o artigo "Os patrões Marubo" (1985).

A carreira do Professor Melatti, que representa uma marca importante na história da disciplina no Brasil, exemplifica um estilo de etnologia indígena caracterizado por estudos detalhados sobre as sociedades indígenas sem esquecer em nenhum momento o impacto do contato, além dele ter escrito muitos trabalhos dirigidos para um público leigo como seu livro *Índios do Brasil*, publicado em 1970 e atualmente em 7ª edição com tradução para o espanhol e um grande número de artigos de divulgação em revistas e jornais. Sua produção acadêmica em publicações cobre um período de mais de quatro décadas.

Licenciado em Geografia e História pelas Faculdades Católicas Petropolitanas (1960), hoje Universidade Católica de Petrópolis, Professor Melatti realizou o "Curso de Especialização em Antropologia Cultural" na Divisão (hoje Departamento) de Antropologia do Museu Nacional, de março de 1961 a fevereiro de 1962, no qual ele fez um estágio de pesquisa de campo entre os índios Gaviões, como auxiliar de Roberto DaMatta. Logo, Professor Melatti, sob a orientação do Professor Roberto Cardoso de Oliveira, partiu para suas pesquisas sobre os índios Krahó, nas quais ele se destacou

entre os grandes etnólogos das sociedade indígenas Jê do Brasil Central, não somente no Brasil mas a nível internacional. Seu objetivo incluía a dupla tarefa de estudar a estrutura social dessa sociedade indígena e a situação de contato interétnico em que se encontrava. Essa pesquisa foi realizada sob o patrocínio da Sub-Reitoria de Ensino para Graduação e Pesquisa da Universidade Federal do Rio de Janeiro, da qual o pesquisador foi bolsista de março de 1962 a dezembro de 1964 e de julho de 1966 a dezembro de 1968, sendo, ao mesmo tempo, estagiário no Museu Nacional. A partir de 1969, Professor Melatti continuou esta pesquisa como professor da Universidade de Brasília. Seu artigo "O sistema de parentesco dos índios Krahó" publicado na *Série Antropologia, 3,* em 1973, foi traduzido para o inglês no famoso livro *Dialectical Societies: The Gê and Bororo of Central Brazil,* organizado pelo Professor David Maybury-Lewis (Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1979: 46-79), colocando a obra do Professor Melatti nos debates internacionais sobre índios da América do Sul e sobretudo os grupos Jê.

Professor Melatti realizou pesquisas de campo junto aos Krahó (então no estado de Goiás, atualmente em Tocantins) em seis períodos: de setembro de 1962 a janeiro de 1963; de setembro de 1963 a janeiro de 1964; de dezembro de 1964 a janeiro de 1965; de janeiro a março de 1967; de julho a agosto de 1967; e de fevereiro a abril de 1971 – no que a sua colega desde o Curso de Especialização no Museu Nacional, Professora Alcida Ramos, caracterizou como síndrome do "The Field in Our Backyard" (Ramos, 1990), isto é, a realização de várias pesquisas de campo ao longo do tempo, mantendo uma interação com o povo que estudou e acumulando material etnográfico ao longo dos anos de modo a não romper os laços estabelecidos com os índios.

Posteriormente, Professor Melatti realizou pesquisa sobre os índios Marubo no oeste da Bacia Amazônica, juntamente com a antropóloga Delvair Montagner, com o objetivo de estudar a estrutura social, a cosmologia e o contato interétnico. Nesta pesquisa, Professor Melatti fez três etapas de campo: de dezembro de 1974 a março de 1975, patrocinada por um convênio Fundação Universidade de Brasília/Ministério do Interior; de maio a setembro de 1978; e de janeiro a março de 1983, patrocinado pelo CNPq (o último período foi distinto do da co-pesquisadora). Professor Melatti realizou também um estágio na Biblioteca de Antropologia do National Museum of Natural History da Smithsonian Institution e consultas na Library of

Congress, em Washington, D.C., de janeiro a agosto de 1987, com o objetivo de colher dados para o desenvolvimento dos projetos "Tradição Oral Marubo" e "Atlas da Conquista da América do Sul".

Professor Melatti publicou numerosos artigos acadêmicos sobre os Krahó e os Marubo, além de artigos mais gerais na área de etnologia indígena e outros de divulgação na *Revista Atualidade Indígena*, da FUNAI, e em jornais e revistas científicas. Ele publicou inúmeras resenhas ao longo de quatro décadas de atuação. Além das suas publicações etnográficas, Professor Melatti escreveu a Introdução e organizou a seleção de textos do volume *Radcliffe-Brown* (São Paulo: Ática, 1978; Coleção Grandes Cientistas Sociais, 3), coordenou e redigiu *Javari* (1981), volume 5 da coleção "Povos Indígenas no Brasil", coordenada pelo antropólogo Carlos Alberto Ricardo – do então CEDI –; e realizou a revisão técnica da tradução do livro de Claude Lévi-Strauss, *Antropologia Estrutural* (Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967). Além de ser membro do Comitê Diretor do *Anuário Antropológico* e coordenador da sua Comissão de Redação durante muito anos, Professor Melatti organizava o periódico *Série Antropologia*, do Departamento de Antropologia da UnB.

Professor Melatti orientou mais de vinte dissertações de mestrado além da minha tese de doutorado e participou de um grande número de comissões examinadoras de teses, dissertações e concursos. Além de ter participado em muitas reuniões científicas no Brasil, Professor Melatti apresentou comunicações em um Seminário sobre índios do Brasil Central, na Universidade de Harvard, em 1963; na Universidade de Oxford, em 1968; o 38° Congresso Internacional de Americanistas, realizado em Stuttgart e Munique, em 1968; uma reunião sobre Antropologia Social e Arqueologia na América Latina e no Caribe, realizada em Cocoyóc, no estado de Morelos, México, em 1979; e no Seminário "25 Años y uma Mirada Hacia el Futuro", comemorativo do 25° aniversário do Departamento de Antropologia da Universidad de los Andes, em 1989. Professor Melatti proferiu um grande número de palestras em diversas instituições acadêmicas no Brasil e no exterior e ofereceu várias vezes o Curso de Extensão "Índios da América do Sul: Áreas Etnográficas", na Casa da Cultura da América Latina, do Decanato de Extensão da UnB, em 1992; no Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás, em 1993; e no Departamento de Antropologia da UnB nos anos subseqüentes. Esses eventos e cursos marcaram a carreira de muitos jovens antropólogos e indigenistas no Brasil.

Porém, não é só a vasta produção que caracteriza a carreira acadêmica do Professor Melatti, mas, sobretudo, a altíssima qualidade e rigor teórico dos seus textos, que constituem pontos de referência na etnologia indígena que se faz no Brasil. Além do Professor Melatti ter se dedicado sobretudo ao ensino e à pesquisa ao longo da sua carreira com uma dedicação ímpar aos seus alunos, ele é membro da Associação Brasileira de Antropologia desde julho de 1963, e membro da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Ao realizar pesquisa etnológica no Brasil, o Professor Melatti, inevitavelmente, sempre está envolvido na defesa dos diretos indígenas. Mesmo após se aposentar, o Professor Melatti continua produzindo trabalhos acadêmicos e inspirando muitos alunos, pesquisadores e colegas de Antropologia, além de um público maior, com sua inesgotável erudição na área de etnologia indígena.

BIBLIOGRAFIA

RAMOS, Alcida Rita. 1990. Ethnology Brazilian Style. *Cultural Anthropology*, 5(4): 452-472.